

BULLYING E CYBERBULLYING

O que fazemos com o que fazem conosco?

Maria Tereza Maldonado

Formada em Psicologia pela PUC-RJ, onde também fez mestrado em Psicologia Clínica. Foi professora na mesma universidade e na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro.

É membro da American Family Therapy Academy. Atua como palestrante e consultora nas áreas de Saúde e Educação.

www.mtmaldonado.com.br

Orientações pedagógicas e Sugestões de atividades
elaboradas por

Maria Lúcia de Arruda Aranha

Rodrigo Travitzki

A OBRA

O livro cobre uma ampla área de assuntos relacionados ao *bullying* dentro e fora da escola, em crianças e adultos, real e virtual, a curto e a longo prazo. Sendo psicóloga, a autora faz o leitor mergulhar no complexo mundo de emoções e relações humanas que se esconde por trás de comportamentos repetitivos de violência e discriminação. Muitos capítulos começam descrevendo casos fictícios, ajudando a introduzir o assunto com exemplos didáticos. Há também diversas dicas de como se proteger, mostrando, por exemplo, como o comportamento da vítima pode estimular ou inibir o do agressor. A chamada “geração digital” encontrará também muitas informações e reflexões sobre a internet, além de recomendações objetivas para evitar o *cyberbullying*.

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

O suplemento tem a finalidade de auxiliar o trabalho em sala de aula, dando subsídios para o melhor aproveitamento do texto. Ainda mais quando se trata de obra de leitura complementar, que visa justamente aprofundar o conhecimento, ampliar o leque de análises possíveis de determinados temas e abrir o horizonte dos alunos em múltiplas direções.

Em sintonia com as exigências dos novos tempos, as atividades propostas não se limitam à simples “devolução” mecânica do que foi lido, porque o mundo de hoje exige muito mais do que isso.

De fato, há tempos, os pedagogos advertem sobre a importância de dar condições ao leitor para que ele se aproprie de um texto de forma adequada e se torne capaz de aplicar os conhecimentos adquiridos em diversas situações. Mas o que infelizmente tem sido constatado em pesquisas educacionais realizadas até mesmo por órgãos internacionais é que nem sempre nossos jovens conseguem ser bons leitores.

Para reverter esse quadro, é preciso considerar que a simples transmissão de informações não é suficiente, embora com isso não estejamos menosprezando a aprendizagem dos conteúdos. Estes são importantes, desde que sua apreensão esteja ligada ao *desenvolvimento de competências*, ou seja, à *capacidade de utilizar, integrar e mobilizar esses conhecimentos em novos contextos*, diante dos problemas e desafios que precisamos enfrentar, seja no trabalho, seja na vida pessoal e social.

Em função dos avanços tecnológicos e da constituição de uma sociedade informatizada, as profissões nascem e se modificam com velocidade surpreendente, e o excesso de informações disponíveis exige uma educação diferente da tradicional.

Dizendo de outro modo, no mundo do trabalho precisamos de pessoas que tenham flexibilidade para enfrentar rapidamente situações novas, com capacidade inventiva e espírito de grupo. Diante da avalanche de informações, que elas sejam críticas o suficiente para selecioná-las e avaliá-las. Diante dos riscos de massificação, que possam manter a autonomia do pensar e do agir.

É verdade que o desafio é grande e exige mudanças de comportamento nas mais diversas áreas de atuação. No que se refere ao nosso espaço de leitura, as reflexões que podemos fazer a respeito se referem a alguns pontos que passaremos a destacar.

Compreensão do texto

Compreender um texto supõe exercitar a disposição de “ouvir o autor” (anterior à tentação de “polemizar” com ele); perceber quais as ideias centrais do seu pensamento e a maneira pela qual argumenta. Nessa fase, é importante que o professor verifique se o leitor sabe identificar o autor, a editora, se sabe consultar um sumário, se faz anotações (como esquemas e fichamentos) durante a leitura, se levanta as dificuldades de vocabulário e se discrimina os conceitos fundamentais.

Interpretação e análise crítica do texto

A interpretação e a crítica revelam dois momentos posteriores à compreensão. Nessa fase começa-se a “ler nas entrelinhas”, a identificar as posições do autor, os valores subjacentes, a coerência da exposição, o que significa estabelecer um *diálogo* com o autor, concordando ou não com algumas argumentações desenvolvidas, antepondo a elas as suas próprias visões de mundo.

Problematização

A problematização é uma espécie de coroamento do trabalho intelectual de decifração de um texto. Nessa fase é importante a *contextualização*, pela qual as informações e os conceitos são confrontados com nossa experiência de vida, com os problemas a serem enfrentados, identificando as ressonâncias provocadas pela leitura, vivificando-as, por assim dizer. De nada adianta acumular conhecimentos se estes não nos servirem para nosso cotidiano. Só assim poderemos dar significados ao mundo e à nossa própria realidade.

Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade é a tentativa de superar a compartimentalização das disciplinas, integrando os conhecimentos esparsos em uma visão holística, global. De fato, se no mundo contemporâneo até as ciências

rompem fronteiras com a criação das chamadas ciências híbridas, também os estudantes precisam ampliar o olhar além dos enfoques precisos de uma determinada disciplina, descobrindo a complementaridade entre as áreas do saber.

Evidentemente, a ordem pela qual expusemos esses diversos passos é apenas didática, cabendo ao leitor não desprezar essas etapas, mas exercitá-las sempre que possível. É dentro desse espírito que sugerimos as atividades seguintes.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Elaboramos algumas atividades pedagógicas com base em cada capítulo do livro. Escrevemos na forma de roteiro, buscando explicar os motivos de cada escolha metodológica e os objetivos de cada atividade. Assim, as sugestões podem ser utilizadas tanto “ao pé da letra” quanto de forma adaptada, ou ainda simplesmente como uma fonte de inspiração.

1 Passar um vídeo com “pegadinhas” de TV para a classe. Fazer uma seleção de cenas que sejam ao mesmo tempo engraçadas e desrespeitosas. Depois de algumas risadas, perguntar se os alunos sabem o que é *bullying* e se conseguem ver alguma relação dele com as pegadinhas. Pedir então que leiam a introdução do livro, que faz justamente essa analogia. Isso deverá aprofundar o nível da discussão. Perguntar se eles se sentiram mal ou “culpados” enquanto estavam rindo das pegadinhas. A ideia é mostrar como os sentimentos que dão origem à violência nas escolas não são necessariamente violentos do ponto de vista de quem está sentindo. Muitas vezes produzimos violência sem nos darmos conta. Nesse sentido, essa atividade pode ajudar os alunos a lidar melhor com situações coletivas de desrespeito. Se você considerar que vale a pena aprofundar a discussão, proponha a leitura do item “E o que acontece com as pessoas que presenciam as ações de *bullying*” e discuta os três diferentes tipos de plateia. Pergunte como se pode estimular a plateia protetora.

2 Duas atividades com base no capítulo 1:

a) Pedir que um aluno leia em voz alta o primeiro caso narrado no capítulo **As várias faces do bullying** (sobre Maria Clara) e perguntar quantas pessoas na classe já ouviram falar de algo parecido. Fazer o mesmo com os outros 12 casos que se seguem. Discutir um pouco os casos mais comuns com a classe, tomando cuidado para que nenhum aluno seja estigmatizado na discussão.

O objetivo de se começar com casos concretos é justamente poder iniciar essa delicada discussão em terceira pessoa, além de delimitar de forma mais concreta o que é considerado *bullying*. Pergunte a eles se toda agressão é *bullying*. Proponha então que terminem de ler esta primeira parte do capítulo (sem incluir por enquanto os subtítulos). Esclarecer as principais ideias do texto: as duas características do *bullying* que o diferenciam da simples agressão (a repetição e as relações desiguais de poder); os três diferentes papéis (agressores, vítimas e espectadores); a mudança de papéis (quando a vítima se torna agressor); os sintomas e efeitos de longo prazo, que mostram a importância do problema; a interferência nos resultados escolares. Propor então um trabalho em pequenos grupos em torno de algumas questões como: “por que os casos x, y, z são mais comuns?”, “por que existe *bullying*?”, “o que a pessoa poderia ter feito no caso x?”, etc. Você pode também anotar os casos mais comuns identificados pelos alunos e relatar na reunião de professores, como uma espécie de diagnóstico informal que pode eventualmente mobilizar alguma estratégia coletiva.

b) Com o auxílio do professor de Literatura, Português, Arte ou Teatro, pedir a leitura do capítulo 1 completo, focalizando principalmente as características psicológicas de cada um dos três papéis envolvidos no *bullying* (agressor, vítima e espectadores). Propor que os alunos escrevam pequenas cenas envolvendo esses tipos de personagens. Você também pode pedir que escrevam a história de cada personagem, para que a cena fique mais rica psicologicamente. Ler algumas em voz alta ou recolher para avaliação. Caso haja interesse da turma, escolher uma ou mais cenas para serem interpretadas pelos alunos. Uma estratégia interessante pode ser estimular a inversão de papéis, por exemplo, pedindo que um aluno mais tímido faça o papel de agressor.

Não force nada, apenas recomende, resgatando, por exemplo, a importância de “saber se colocar no lugar do outro”. Se quiser ir mais a fundo nessa ideia, procure saber mais sobre a técnica do psicodrama.

3 Pedir que leiam o capítulo **De brincadeira de criança a coisa séria**. Discutir o texto coletivamente, lembrar a definição de *bullying* como “agressões repetitivas no sentido de prejudicar alguém”. Resgatar a ideia de que o fenômeno não ocorre apenas em escolas, mas pode se perpetuar pela vida da pessoa, atingindo até mesmo seu local de trabalho, o que acentua a necessidade de aprender a se proteger desde cedo. Discutir também os sintomas físicos e mentais mais comuns nas vítimas; se quiser, você pode mostrar com seu corpo como seriam os comportamentos descritos no livro. Ressaltar que é preciso também ter cuidado para não se produzir uma “hipersintomatização” – quando quase tudo que vemos passa a ser um indício de possíveis problemas, doenças, defeitos. Outro ponto interessante levantado no capítulo é que os agressores muitas vezes se sentem inseguros diante da competência das vítimas. Discutir esse ponto pode ajudar os jovens a compreenderem melhor a natureza de certos tipos de violência e, assim, quem sabe, lidar com ela de uma maneira mais saudável.

Depois dessa discussão mais geral, pedir que escrevam um texto respondendo à pergunta: “o que eu faço com o que fazem comigo?”. O objetivo geral dessa atividade é estimular o aluno a querer lidar de frente com esse tipo de problema, para isso o texto ajuda mostrando como uma coisa de criança pode se tornar séria. Caso os alunos se sintam frágeis e inseguros depois da atividade, proponha então que leiam o capítulo 6 e o 8, que dão diversas dicas de como se proteger.

4 Pedir que leiam o capítulo **Mudando a maneira de olhar, de sentir e de agir**. As seguintes atividades podem ser feitas a partir da leitura:

a) Com base no texto, fazer uma comparação entre as escolas “de antigamente” e as de hoje, destacando os pontos levantados pelos alunos na lousa. Com o auxílio do professor de História, pedir que eles façam uma entrevista com alguém de 60 anos ou mais. Para isso, primeiro juntar os alunos em pequenos grupos para formular algumas perguntas da entrevista. Depois, pedir que cada grupo leia o que fez com o objetivo de montar

um questionário único para toda a classe. Depois que cada aluno fizer sua entrevista, juntá-los em novos grupos, com o objetivo de montar uma tabela comparando as escolas de antigamente com as escolas de hoje. Dar atenção especial para a questão da violência. Discutir, por exemplo, qual é o limite que separa a ação violenta do professor da ação disciplinadora. Esse esclarecimento pode ajudar, inclusive, na dinâmica da classe, para que os alunos se sintam menos desrespeitados nos momentos de “bronca”. Para isso, evidentemente, a ação disciplinadora do professor deve pautar pelos valores pedagógicos e humanos, deve ser bem explicada, mas nem por isso amenizada. Lembre sempre que a autoridade do professor se fundamenta na razão, diferentemente da autoridade da polícia, por exemplo.

b) Pedir uma pesquisa sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Se quiser conhecer algumas atividades pedagógicas relacionadas a direitos humanos, visite a página “Um Olhar Pedagógico da Declaração Universal dos Direitos Humanos ONU – atividades pedagógicas” no *link*: <http://www.dhnet.org.br/dados/cdrom/edh/passarela/olhar.htm>

c) Pedir que os alunos escrevam um texto discutindo por que existe o trote violento nas escolas, faculdades e outras instituições. Se considerar relevante, propor novamente a leitura do primeiro capítulo, que trata dos aspectos psicológicos do *bullying*. Com o auxílio do professor de Educação Física, propor um trabalho em grupo com o objetivo de formular uma atividade cooperativa, um “trote solidário”. Pode ser enriquecedor pedir que façam, antes, uma pesquisa sobre jogos cooperativos. Antes de pedir que eles inventem uma atividade, é importante discutir de alguma maneira a importância da cooperação para o homem. Hoje em dia se fala muito da competição, é comum a ideia de que o homem não coopera “naturalmente”. Pode-se discutir esse ponto com o auxílio do professor de Biologia (pois biologicamente o homem é uma espécie altamente cooperativa), de História ou de Filosofia, por exemplo. Depois de os grupos criarem cada um sua atividade, pedir que leiam para a classe. Coletivamente, escolher algumas atividades para organizar uma gincana. Uma possibilidade interessante no sentido de estimular o trote solidário na escola seria fazer essa atividade com as turmas mais velhas, de forma que a gincana fosse organizada pelos “veteranos” para os “calouros”.

5 Pedir que leiam o capítulo **Cyberbullying e o mau uso da tecnologia** e respondam algumas perguntas, como: “o que o *cyberbullying* tem de diferente do *bullying* tradicional?”, “o que tem de igual?”, “*cyberbullying* é crime?”, “há punições?”, “posso ficar anônimo na internet?”, “como se proteger do *cyberbullying*?”. Se quiser um material de referência do que é importante para os jovens saberem sobre internet, vale a pena dar uma olhada na página “Educação Digital para professores e alunos 1: princípios básicos da internet” neste *link*: <http://rizomas.net/educacao-para-hoje-e-amanha/educacao-digital/204-educacao-digital-para-professores-e-alunos-1-principios-basicos-da-internet.html>

6 Duas atividades com base no capítulo 5:

a) Pedir que leiam o capítulo **As raízes: preconceito e discriminação** e escrevam um texto respondendo à pergunta “o ser humano é uma máquina criadora de preconceitos?” – ou, em outra formulação, “por que criamos preconceitos?”. Com o auxílio do professor de Filosofia ou de qualquer ciência (natural ou humana), pedir aos alunos uma pesquisa sobre o método científico, empirismo, suas raízes em Bacon, talvez chegando a Popper. Dar especial atenção aos conceitos de raciocínio indutivo e dedutivo. Explicar que a indução cria ideias gerais a partir de casos concretos (indo do particular para o geral, do concreto para o abstrato, do singular para o universal), e que essas ideias são maneiras de compreender o mundo, mas também causas de grandes equívocos. Perguntar, por exemplo, “o sol nasce todo dia?”, “o sol sempre nascerá?”, “como ter certeza?”. Mostrar que as evidências sobre o nascimento do sol estão no passado, enquanto a pergunta é universal, eterna, fala de passado, presente e futuro. E o futuro não faz parte das informações de que dispomos. Assim, toda previsão é preconceituosa. E o sol, afinal, algum dia não nascerá, daqui a alguns bilhões de anos. Esse é um exemplo mais “científico”, que tem como objetivo esclarecer os limites da ciência e do raciocínio indutivo e dedutivo, de como ele é poderoso e também pode ser enganoso. Essas reflexões podem ajudar a entender por que criamos preconceitos, quebrando a ideia simplista de que esse tipo de processo mental (a generalização, que cria tanto o preconceito quanto as leis científicas) é uma anomalia no funcionamento da mente humana. Pelo contrário, a criação de ideias gerais é um processo natural

da mente, e é justamente por isso que precisamos aprender a ser críticos em relação aos nossos próprios conceitos. Na ciência, para evitar generalizações equivocadas, existe o teste de hipótese, pela observação ou experimentação. E na vida cotidiana, o que é preciso para evitar o preconceito? Você pode terminar a discussão propondo um trabalho em grupo durante a aula respondendo a essa questão.

b) Com o auxílio dos professores de Biologia, Geografia, Filosofia, História e Língua Portuguesa, propor um trabalho interdisciplinar sobre o conceito de diversidade. Discutir com os professores uma questão-problema desencadeadora, como “por que somos diferentes?”, “qual é a importância da diversidade?”, “a diversidade vira desigualdade?”, “diversidade ou igualdade?”, etc. O objetivo desse trabalho é fazer os alunos compreenderem a importância da diversidade, da diferença, em diversas áreas do conhecimento. Em Biologia eles podem discutir a importância da diversidade para os ecossistemas (trabalhando o conceito de interdependência) ou para a evolução (explicando a mudança do darwinismo para o neodarwinismo). Outro aspecto interessante é o da diversidade genética (insignificante entre as “raças” humanas) e do “vigor híbrido” (heterose), bem conhecido pelos agricultores e criadores de cachorros (os vira-latas são mais saudáveis do que os caríssimos cães de *pedigree*, puro sangue, de baixa diversidade genética). Em Geografia eles podem fazer um mapa com os biomas do Brasil e discutir como o meio ambiente interfere no modo de vida, fazendo contrapontos ao chamado determinismo geográfico. Em História podem estudar o nazismo, que desconsiderava o “vigor híbrido”, ou outros eventos violentos gerados pela discriminação e pelo preconceito. Em Língua Portuguesa ou Literatura podem ler o livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e discutirem a ideia de que o Brasil é um país altamente miscigenado, sendo talvez esta a nossa mais marcante característica cultural. Em Filosofia, finalmente, eles poderiam estudar o Iluminismo e seus três ideais simbolizados na Revolução Francesa. Em que medida a igualdade diminui a liberdade? Se somos todos diferentes, por que desejamos a igualdade? Essas reflexões podem ajudar a compreender o conceito de diversidade de maneira mais ampla e menos superficial.

7 Pedir que leiam o capítulo **Usando a internet com responsabilidade e autoproteção**. Discutir a questão da internet como uma praça pública é uma boa analogia para os mais inexperientes saberem que podem estar na privacidade do seu quarto e mesmo assim visíveis para o mundo todo. Perguntar se alguém se lembra de algum evento na etapa de “pensamento mágico”, discutir a questão da relação entre adolescência e comportamentos de risco. Verificar se eles compreenderam o significado dos números obtidos pela pesquisa da ONG Safernet Brasil em 2009. Pedir então um trabalho em duplas ou trios, sobre maneiras de se proteger do *cyberbullying* e de estimular o ativismo na “geração digital”.

8 Uma atividade com pais, professores e direção pode ser feita a partir da leitura da parte II, incluindo os capítulos 7 e 8, que explicam como perceber se uma pessoa pode estar sendo vítima ou agressor de *bullying* e, além disso,

dão dicas de como se proteger do *bullying*, lidar com ele, evitá-lo desde o começo, etc.

9 Pedir que leiam o capítulo 9 e depois façam uma pesquisa sobre as inteligências múltiplas e, em especial, a chamada inteligência emocional. Comentar os principais autores relacionados a essa teoria (como Howard Gardner e Daniel Goleman), quais seriam os diferentes tipos de inteligência, que tipo de habilidades e profissões estão relacionadas a cada um, se houve mudanças recentes na teoria. Discutir principalmente a importância da inteligência emocional para a vida moderna, o trabalho em grupo, os relacionamentos, etc. Relacionar essas questões com as formas cotidianas de desrespeito, discriminação e violência que podem chegar a casos de *bullying*.

10 Pedir leitura do capítulo 10 e propor um texto que avalie a possibilidade de um programa *antibullying* na escola. Todos devem participar. Depois, façam uma exposição para o restante da escola – alunos, professores, coordenadores, diretores.